

## O Tours du Monde pelas esculturas de prédios

A artista plástica Fabiana de Barros reproduz em maquetes sete torres do mundo, antes pintadas em suas telas.

Texto de Renato Schroeder

A artista plástica paulistana Fabiana de Barros se prepara para um vôo alto. De Concorde, parece. A decolagem começou seis meses antes de uma exposição individual, em

Genebra, na galeria Care Off, quando Fabiana começou a movimentar seus pincéis encharcados de têmpera sobre telas. Foi assim que a supersônica imaginação da artista residente em Genebra

ganhou asas em busca do globo. Voou até encontrar paradeiro em sete grandes prédios, em sete grandes cidades do mundo.

Começou pintando uma tela com o prédio onde ela mora, na Suíça, o Îlot 13; pintou o edifício da Mercedes Benz, em Berlim, ("foi no alto desse prédio que descobri as torres como referências", lembra Fabiana); a torre da Pan Am representou Nova York e, ao mesmo tempo, virou uma homenagem à Pop Art; a arquitetura de alta tecnologia de Norman Foster para prédio do Hong Kong & Shanghai Bank foi reproduzida pela têmpera à base de caseína

fabricada pela própria artista; o edifício da Mitsubishi, em Tóquio, é uma *omenatge* ao abstracionismo, ao passo que o construtivismo aparece na pintura de uma torre que não existe mas Fabiana inventou como sendo a da Aeroflot, em Moscou; o edifício Copan, de Oscar Niemeyer, é São Paulo, nos anos 80, símbolo da pintura para a artista.

Em volta de cada pintura, o rastro de um deslocamento de ar indica que a "Super-Artista" passou por ali. "O vento sou eu", diz Fabiana, no tom exato como quem desfila sobre o valor artístico de quem vendeu suas telas em meia hora, naquele fim de tarde frio de fevereiro de 1987, numa sala quadrada da galeria Care Off. Todas as sete têmperas sobre tela mediam 2,10 por 1,60.

O estrondoso sucesso nos círculos genebreses fez girar as turbinas da criatividade de Fabiana. Sua primeira aterrissagem alcançou os campos do Ibirapuera, em plena 20ª Bienal Internacional de São Paulo. Fabiana de Barros montou, em colaboração com a Nélson Vitorino Construtora, uma reprodução em maquete de concreto de sua pintura do edifício Copan. "A idéia é reproduzir as maquetes de concreto em cada uma das cidades do mundo permitindo que um turista utópico faça um *tour du monde* de 'pinturas em 3 dimensões'", explica Fabiana. As maquetes, moldadas em concreto delgado de três centímetros de espessura – o segredo da massa está na ferragem, na quantidade de cimento e na desforma –, traduzem o que está pintado e não os prédios em si.

Depois de prontas as sete maquetes em escala humana, nas sete cidades do planeta – a próxima será em Tóquio –, Fabiana terá criado uma "instalação do tamanho do mundo". A primeira maquete foi montada na praça, em frente ao prédio Îlot 13, um conjunto de cinco edifícios antigos revitalizados pela



■ Fabiana e a escultura do edifício Copan, no Ibirapuera: oito meses de trabalho para montar a torre de São Paulo, na Bienal

■ Ms. Barros and the scale model of the Copan high-rise. It took her eight months to build the maquette for the 20th São Paulo Biennial exhibition

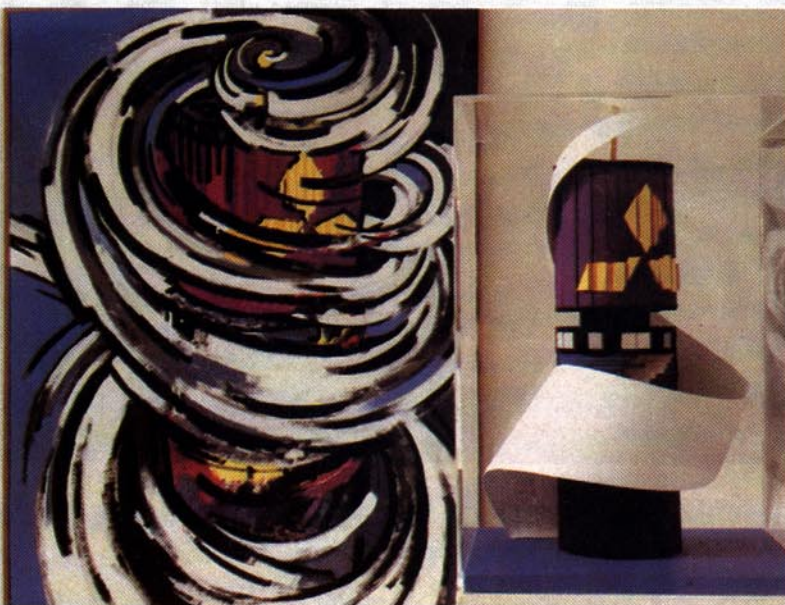


■ A tela e a maquete do prédio da Aeroflot, em Moscou (que, em verdade, não existe): homenagem ao construtivismo soviético

■ *The painting and the model of the Aeroflot building in Moscow (which in fact doesn't exist): a tribute to Soviet constructivism*



ARQUIVO DO ARTISTA



ARQUIVO DO ARTISTA

■ A torre da Mitsubishi, em Tóquio, será a próxima a ser montada. Para Fabiana, a colaboração transnacional pela arte pode acabar com as guerras ideológicas

■ *A maquette of the Mitsubishi tower in Tokyo will be Ms. Barros' next task. She feels transnational cooperation in art may quell ideological strife*

comunidade com apoio do governo suíço. "O prédio é uma referência cultural da cidade de Genebra", afirma.

Antes de chegar às maquetes em escala humana, montadas em formas de madeira compensada com laminado plastificado, da mesma maneira como são feitas as construções em concreto, Fabiana montou a série em papel *moussaux* (duas camadas de papel com espuma interna). "Tive uma extrema dificuldade em montar essas maquetes

pequenas porque o meu gesto na pintura é muito grande e as peças muito reduzidas", lembra. A conclusão do trabalho é uma pintura sobre a maquete de concreto, feita com tinta látex ou acrílica para exteriores. A artista dando um rasante sobre os prédios é representada por uma lâmina de alumínio pintada de branco. No interior da maquete, uma iluminação a *neon* empresta vida às peças, mesmo à noite.

Fabiana de Barros, aos 32 anos, emana de si o ar

resoluto de quem nasceu no meio de artistas plásticos (ela é filha do pintor e proprietário das lojas Hobjeto, Geraldo de Barros) mas não deitou na confortável cama do legado familiar. "Aos dezoito anos veio a crise: será que eu gosto mesmo de pintar", perguntava ela; "faço ou não faço faculdade? será que eu sou pintora mesmo?" Depois decidiu. Fez na FAAP, em São Paulo, o curso de Artes Plásticas, e estudou com afinco no ateliê de Antônio Carelli, por quatro

anos, todos os dias, das sete da manhã às cinco da tarde. "O Carelli é um pintor figurativista, meio fora do sistema, daqueles que fazem tela, tinta e até mesa para ateliê", diz Fabiana.

Do ambiente estimulante do pai e da formação austera com o mestre Carelli resultou uma postura cosmopolita, flexível e apaixonada (e, por isso mesmo, apaixonante) em relação à arte e à história da arte, por parte da artista. "Eu não poderia dar qualquer resposta à vida, à arte e ao meu pai. Eu tinha de ir longe para agradecer a ele tudo o que tinha recebido". E voou para Genebra.

Lá, batalhou de porta em porta de galeria até obter o difícil reconhecimento.

Depois, veio o choque com os preços estratosféricos pagos pelos trabalhos. "Acontece que os galeristas ficam com 80 por cento do valor pago pela obra", explica Fabiana. "E as coisas custam um preço que a gente não entende". Assim, a instalação global *Tours du Monde* deve subsistir sem o envolvimento de dinheiro. Um *pool* de empresas, entre as quais a Nelson Vitorino Construtora, Banco Sudameris e Varig, tornará possível essa criação transnacional, "que não pode sair do bolso de um colecionador".



São Paulo-born artist Fabiana de Barros is readying herself to reach lofty heights – on board of a Concorde, apparently. Her takeoff began six months prior to an individual exhibition held at the Care Off gallery of Geneva, when Ms. Barros began applying her tempera-soaked brush to canvas. Then and there this Geneva-based artist's supersonic imagination took wing and set out on a world-embracing flight. The stopovers were reflected in works depicting seven great buildings in as many large cities across the world.

She began by painting the building in which she lives in Geneva, Switzerland – the Îlot 13. The next canvas in the series shows the Mercedes-Benz high-rise in Berlin. On

## Around the world with 3-D paintings

*Brazilian artist Fabiana de Barros reproduces in maquettes seven buildings she had first captured on canvas.*

By Renato Schroeder

the roof of that building she realized that "towers are marks of reference," Fabiana de Barros recalls. The painting of the Pan Am tower, while portraying New York, simultaneously pays tribute to pop art. Norman Foster's high-tech architecture, displayed in the Hong Kong & Shanghai Bank building, was reproduced in tempera based on casein prepared by the

artist herself. The Mitsubishi building in Tokyo is an *omenatge* to abstractionism – while constructivism rears up in the painting of a tower that doesn't exist but which Ms. Barros imagines as belonging to Aeroflot in Moscow. Then, the Copan multistory block, designed by Oscar Niemeyer, reflects São Paulo in the 80s – which symbolizes painting to the artist.

Around each painting a whoosh of air shows that the "super-artist" has been there. "I am that gust," says Fabiana de Barros, with easy assurance, based on the feat of having sold her seven paintings within half an hour on a cold 1987 February afternoon in a square showroom at the Care Off gallery. All seven of the canvas measured 83 x 63 inches.

The resounding success in Genevan circles resulted in the whirring of Ms. Barros' creative turbines. Her first landing took place on the grounds of Ibirapuera park, smack-dab in the 20th São Paulo International Biennial (1989). There, in collaboration with Nelson Vitorino Construtora, a building contractor, she set up a concrete scale model of the Copan high-rise painting.



PAULA SIMAS/F4

■ Ms. Barros and her moussaux paper models at the Biennial: small scale made compatible with wide-sweeping brushstrokes

■ Fabiana de Barros e suas sete maquetes pequenas na Bienal: dificuldades com gesto reduzido para montar as peças

fronting the Îlot 13 building, a block of five old buildings restored by the community with Swiss government aid. "The buildings are a cultural reference to the city of Geneva," Ms. Barros asserts.

Prior to the finished human-scale maquettes, cast in plastic-laminate plywood molded in the concrete construction procedure, Fabiana de Barros molded the series in *moussaux* paper – two layers of paper lined with foam rubber. She recalls that she "had extreme difficulty in mounting these small maquettes as my brushstrokes are wide-sweeping and the models very small." The result of the work is a painting done on the concrete maquette with latex or acrylic-resin exterior paints. The artist herself, in a swooping low dive over the buildings, is represented by an aluminum blade painted white. Within the model, neon-lighting lends life to the pieces, even at night.

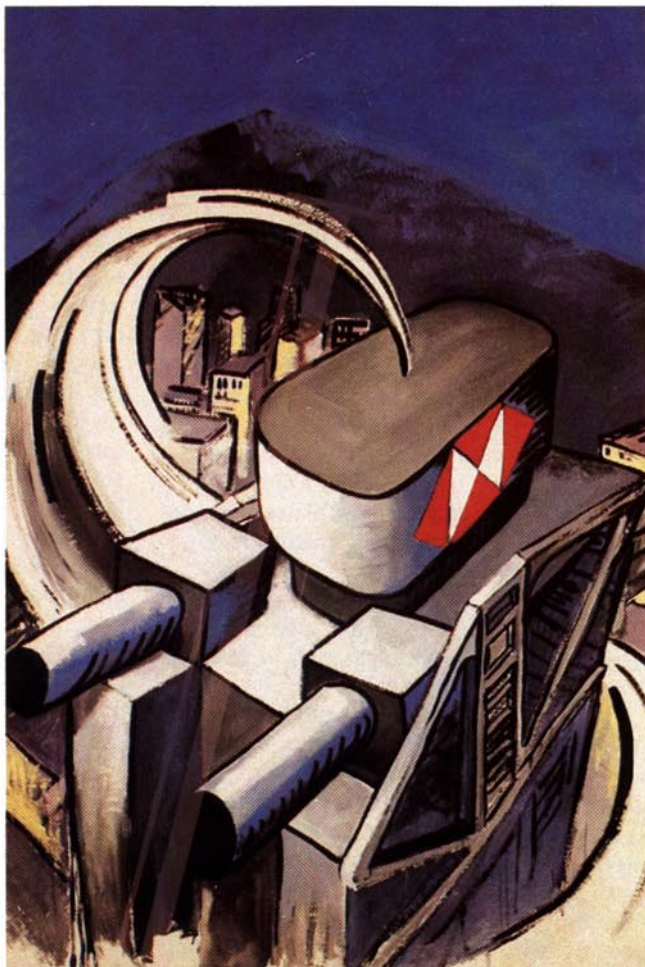
At age 32, Fabiana de Barros shows the determination of someone reared in the midst

"The idea is to reproduce a concrete maquette in each large city of the world, allowing an imaginary tourist to do a *tour du monde* via 'three-dimensional paintings'," Fabiana de Barros explains. The maquettes are molded in slender, one-inch

thick concrete slabs (the secret of achieving the right mortar consistency lies in the proper mix of structural iron and the well-timed stripping of cured molds), and express the essence of what was painted rather than the buildings themselves.

After having readied the seven human-scale models in the seven world cities – the next will be in Tokyo – the artist tells that she will have "created an exhibition reflecting the whole world." The first scale model was assembled in the square





ARQUIVO DO ARTISTA

■ The Hong Kong & Shanghai Bank building  
 ■ Hong Kong & Shanghai Bank, por Fabiana

of artists – she is the daughter of Geraldo de Barros, a painter and the owner of the *Hobjeto* furniture stores, but didn't avail herself of the cozy berth bequeathed by her family. "As I turned eighteen I found myself in a quandary: do I really like painting," she asked herself, "should or shouldn't I go to college – am I really a painter?" She then took a decision and enrolled at FAAP university's Fine Arts course – studying assiduously at Antônio Carelli's atelier during four years, from seven to five every day. "Carelli is a figurative artist, a bit out of touch with the system. He makes his own canvases and paints, even the atelier worktables," says Ms. Barros.

From the stimulating environment provided by her father and the austere apprenticeship with Carelli, the artist's cosmopolitan stance relative to art and its history resulted. An attitude both flexible and enthusiastic

– and, precisely therefore, passion-stirring. "I couldn't simply rattle off any old answer in response to life, to art and to my father. I felt that had to achieve a lot to thank him for everything I had gotten." And off she flew to Geneva.

Once there – Heavens! – she forged ahead, visiting countless galleries until she obtained her hard-earned acclaim. Later, there was the wonder at the stratospheric prices paid for her works. "It so happens that the gallery owners keep 80 percent of the sum paid for the paintings," Ms. Barros explains, "and prices reach unbelievable heights." Therefore, the global *Tours du Monde* set-up must subsist without involving money. A pool of companies, among which Néelson Vitorino Construtora, Banco Sudameris and Varig, will make this transnational creation possible since "it cannot owe its existence to a collector's funding."